

Valor Econômico, 05 de junho de 2020

## **UFRJ e economistas lamentam morte de Carlos Lessa; veja repercussão**

*Ele foi reitor da UFRJ antes de assumir a presidência do BNDES*

Por: Gabriel Vasconcelos e Cristian Klein

A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) publicou nota de pesar pela morte do economista Carlos Lessa, na manhã desta sexta-feira, aos 83 anos. Segundo a família, ele contraiu a covid-19. Lessa se formou em Ciências Econômicas na UFRJ em 1959 e, mais de 40 anos depois, foi reitor da instituição entre julho de 2002 e março de 2003, antes de assumir a presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

“A Reitoria da UFRJ lamenta profundamente a perda de Lessa e presta condolências à família e aos amigos. O Brasil perde um grande Brasileiro, com B maiúsculo”, diz a nota.

O documento destaca o papel de Lessa no fortalecimento institucional das esferas de decisão da Universidade. “Na UFRJ como reitor, Lessa defendeu a necessidade do retorno à normalidade institucional, sobretudo pelo respeito às decisões dos colegiados e às instâncias administrativas”.

Também são assinalados os esforços do economista junto ao Ministério da Educação para mitigar riscos à integridade física da comunidade acadêmica, como incêndios e disseminação de doenças. Dezesesseis anos depois, em 2018, com orçamentos discricionários cada vez menores e manutenção de prédios cada vez mais comprometida, a universidade viveu o incêndio do Museu Nacional.

A nota destaca, por fim, o legado cultural e bem-humorado do economista para a instituição: a criação do bloco Minerva Assanhada, nome escolhido por Lessa em alusão ao símbolo da Universidade.

A economista Maria da Conceição Tavares divulgou nota em que lamentou a morte e afirmou que perdeu hoje “um grande amigo” e um “grande brasileiro”.

“Conheço Lessa desde a Escola de Economia [da antiga Universidade do Brasil, atual UFRJ], que iniciamos em 1956. Desde então, sempre trabalhamos juntos na Cepal, Unicamp e UFRJ. Cabeça ampla e generosidade marcaram meu relacionamento com ele. Sempre foi um professor engajado na luta pelo desenvolvimento e pela democracia. Perdi um grande amigo e, as pessoas que os conheceram, um grande brasileiro”, disse ela.

Amigo desde 1985 de Lessa, o engenheiro Darc Costa, 71, conta que um dos primeiros trabalhos na carreira de Lessa foi no antigo Território Federal do Rio Branco, numa missão contratada pelo governo de Jânio Quadros, em 1961, para planejar o desenvolvimento da região. Logo que pisou no hoje Estado de Roraima, Lessa foi detido pela polícia, mal informada pelos rumores que circulavam nas redondezas.

“Ele até relatava essa história interessante, de que foi preso. Mandaram uma notícia de que estavam indo pra lá uns economistas. Mas os caras acharam que eram uns comunistas”, lembra Costa, que foi vice-presidente do BNDES e braço-direito de Lessa, com quem fundou o Instituto da Brasilidade.

Lessa não era, por certo, um comunista, diz o amigo. Foi primeiro um nacionalista conservador, ao estilo de Raphael de Almeida Magalhães, ex-vice-governador de Carlos Lacerda, no antigo Estado da Guanabara. E em seguida virou um nacionalista progressista e democrata. Mas não era brizolista. “Ele o respeitava, mas atribuía ao Leonel Brizola ter esticado a corda que levou ao golpe militar em 1964”, diz.

Costa afirma que a melhor definição para Lessa é a de um pemedebista histórico. Era amigo de Ulysses Guimarães, líder do MDB e da elaboração da Constituição de 1988, do ex-ministro e ex-senador Severo Gomes, ambos mortos em acidente de helicóptero em Angra dos Reis, em 1992, e do ex-governador do Paraná Roberto Requião. No círculo acadêmico, era muito ligado aos economistas da Luiz Gonzaga Beluzzo e João Manuel Cardoso de Mello, da Unicamp.

Diferentemente da também amiga e economista Maria da Conceição Tavares, que se filiou ao PT, Lessa “não quis saber” do partido. “Porque o PT tinha uma visão muito internacionalista, dominado por um progressismo de uma agenda mundial”, afirma Costa. Em 2003, foi chamado para presidir o BNDES porque conhecia o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mas sobretudo por influência do economista Celso Furtado (1920-2004), seu mestre e incentivador, ressalta.

No Instituto Rio Branco, do Ministério das Relações Exteriores, entre 1961 e 1964, Lessa teve entre seus alunos futuros diplomatas como Samuel Pinheiro Guimarães e Celso Amorim, chanceler durante o governo Lula. “Era um excelente professor, um dos maiores economistas que o Brasil já teve. Passou a vida preocupado com a defesa do nacionalismo”, diz Costa.

O economista Ernani Torres, professor do Instituto de Economia da UFRJ e ex-superintendente do BNDES, ressaltou a integridade e o caráter de Lessa.

Torres foi aluno de Lessa na UFRJ e depois ambos trabalharam juntos no banco de fomento. Ele lembrou que Lessa foi uma “figura polêmica” quando presidiu o BNDES, por tentar redirecionar a instituição de uma orientação pró-mercado para a volta da tradição cepalina, mais desenvolvimentista.

Esse movimento, segundo Torres, gerou muita fricção dentro da corporação, que rechaçava ideias de Lessa.

“Mas, durante a sua presidência, eu fui superintendente de exportações e um ministro pediu a minha cabeça. Lessa disse que não entregaria, que ‘ou sairíamos todos [diretoria] ou não sairia ninguém’. Esse era o tamanho de sua integridade. Uma atitude rara que nunca vi em meus anos de BNDES”, afirmou Torres.

Ele destaca, também, a operação de compra das ações minoritárias da Vale sob a sua gestão. Essa operação foi muito criticada, embora fosse correta do ponto de vista legal e tenha se provado acertada.

“Todos diziam que o BNDES havia comprado caro, mas o banco gerou milhões em resultado. Ele teve tino, percebeu a onda que se avizinhava com o avanço da China e o boom das commodities como o minério de ferro”, lembrou Torres.

O economista Luiz Gonzaga Belluzzo afirmou que Lessa era um “homem universal”, com cultura mais ampla que a maioria dos economistas.

“Tive convivência longa com Lessa, e o que registro como peculiar era sua condição de homem universal”, afirmou Belluzzo. “Não foi um economista convencional, que reproduzia o que já era conhecido. Na verdade, ele usava a economia como forma de convencimento, para a dissuasão das pessoas. E, também por isso, foi um professor extraordinário. Lessa era um homem de todas as dimensões da condição humana, do afeto da cultura”, acrescentou.

Belluzzo ressaltou ainda o “tremendo amor” de Lessa pelo povo brasileiro e pelo carioca. “Estava empenhado em entender a sociedade carioca e celebrar as suas características”, disse.

Link original: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/06/05/veja-repercussao-da-morte-de-carlos-lessa.ghtml>